

XV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã / Mídia Cidadã

Tema central:

**Comunicação Cidadã: gênero, raça, diversidade e redes
colaborativas no contexto da pandemia**

22 a 24 de junho de 2021, online

Iniciativa e Realização

Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular,
Comunitária e Cidadã - **ABPCom**
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – **UNESP**
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design – **FAAC**
Departamento de Comunicação Social – **DCSO**

Cultura Pop e Identidade: A Representatividade da Cantora Norte-Americana Beyoncé como Ativista Negra¹

**Emerson William Souza de JESUS;
Vanessa Maia Barbosa de PAIVA**

Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)

Resumo: A representatividade midiática tem se tornado um assunto recorrente e em pauta atualmente. Por isso, este artigo tem o objetivo de analisar o impacto da imagem da cantora Beyoncé em sua representatividade no cenário artístico e midiático da cultura negra, em nível mundial. Para isso, utiliza-se o conceito de olímpianos, do autor Edgar Morin (2002). O trabalho busca analisar o espaço ocupado pela artista na mídia e como Beyoncé se transforma em porta-voz de problemas sociais e relevantes para a sociedade. Também toma-se como base o estudo de Douglas Kellner (2001) a respeito das reivindicações de movimentos sociais na e pela mídia. Como material de análise, este trabalho aborda os produtos midiáticos da artista, se propondo a exemplificar o porquê da relevância de Beyoncé para as pautas de luta do movimento negro.

Palavras-chave: Beyoncé; cultura pop; representatividade; cultura negra.

¹ Trabalho apresentado no GT 2 – **CULTURAS POPULARES, IDENTIDADES E CIDADANIA - CBCC** da XV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2020-2021, de 22 a 24 de junho de 2021, na modalidade online – realizada ABPCOM – Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã e UNESP – Universidade Estadual Paulista / FAAC – Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Departamento de Comunicação.

1- Introdução: A cultura pop e a sua inserção na comunidade

Atualmente, a cultura pop, dentro da indústria fonográfica, é entendida não só pelo ritmo musical que os artistas apresentam, mas também como um estilo de vida, moda e arte distribuídas através de uma comunicação de massa e de uma cultura de mídia, que tem os meios de comunicação como principais responsáveis pela disseminação de valores, imagens, causas e atitudes. Para estar inserido nessa ambiência, não basta o artista apenas estar envolvido com sua música mas, também, em um contexto social estético, produzido pelo sistema capitalista.

Segundo Junior (2015), a cultura pop remodela e reconfigura a própria ideia de cultura popular ao fazer e propagar, através da cultura midiática, expressões culturais de ordens diversas como filmes, seriados, músicas e quadrinhos. Nos dias atuais, com o avanço da globalização, a inserção da sociedade na cultura pop, principalmente a norte-americana, é muito maior. Os artistas do *mainstream*, em sua grande maioria, são providos pela indústria norte-americana.

Segundo Chartier (1995), as diferentes definições sobre cultura popular podem ser divididas em dois grandes modelos: o que a concebe como um sistema simbólico autônomo; e o que a percebe como dependente de referência a uma cultura dominante. O contraste entre essas duas perspectivas fundamentou todos os modelos cronológicos que contrastam uma suposta “idade do ouro” da cultura popular e um tempo de censura e de constrangimentos que a desqualificam. Para Chartier tem-se de um lado uma cultura popular que se produz a partir de um mundo à parte, circunscrita a si mesma e, de outro, uma cultura popular definida por sua insistência em existir, mesmo diante de uma legitimidade privada (1995, p. 179).

Até hoje, exemplos de grandes fenômenos culturais do pop como Madonna, Jennifer Lopez, Lady Gaga e Beyoncé, são grandes influenciadoras de comportamento femininos e, particularmente, do público LGBTQI+, devido ao seu alcance e disseminação de novos instrumentos de personalidade que a cultura pop é capaz de propor, se reinventando sempre de maneira que se adeque às mudanças da sociedade.

1.1- As diferentes formas de representatividade na cultura pop

Embora cause ou embaralhe uma fronteira de possíveis "perdas identitárias" (ou reconstrução de outras) é possível observar algumas identificações, a partir da cultura pop, dos povos com seus ídolos ou representantes. Sejam essas identificações promovidas a partir da etnia, da identidade estética ou da orientação sexual. Apesar da opressão que as minorias políticas sofrem em todos estes cenários, ainda há alguns personagens “selecionados” que conseguem se consolidar em carreiras de sucesso e dar visibilidade às causas que defendem.

A comercialização de estampas de camisetas, tendo ou não frases famosas ou ideais femininos defendidos por atrizes como Marilyn Monroe e Elizabeth Taylor; as cantoras Madonna e Rita Lee; a Princesa Diana e a estilista Coco Chanel são comuns nos dias de hoje. Ou então, quando se trata do impulsionamento do movimento negro através da arte há nomes como as cantoras Elza Soares, Nina Simone, Janet Jackson, o ator Eddie Murphy e o rapper Kendrick Lamar. Quando se trata de representatividade para as pautas LGBTQI+, nomes como RuPaul e Ellen Degeneres, a atriz Laverne Cox, e a cantora Pabllo Vittar são exemplos famosos da ascensão de minorias a posição de destaque, sejam eles nacional ou internacional, pela qual a cultura capitalista massificada ainda abre uma “brecha”.

A representação social tem como principal função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre os indivíduos, resultando em um conjunto de explicações, pensamentos e ideias que possibilitam evocar um dado, um acontecimento, uma pessoa ou mesmo um objeto (FINCO, 2019)

Ainda que Adorno e Horkheimer (1985) defendam a ideia de que a indústria cultural apenas padronizou e massificou a produção, retirando a lógica da obra do que faz a diferença entre ela e o sistema, precisamos reconhecer que os artistas que possuem trabalhos que se envolvem em pautas sociais estão causando uma quebra de uma parte de uma indústria genérica, que tem receio de aderir a falas que pudessem ser consideradas perturbadoras num contexto de globalização mundial.

1.1.1- A representatividade negra na música

É historicamente comprovado que os negros são os criadores do country, jazz, rap/hip-hop, R&B e rock², através do contato que tiveram com instrumentos musicais nos quais poderiam contar sua vivência desde a época da colonização. No período escravocrata, era comum os negros utilizarem a música para contarem suas vivências, lamentos, saudades de sua terra natal e até contos religiosos, mesmo que proibidos pelos *senhores*.

Com o passar do tempo e com as transformações culturais que a sociedade viveu, a indústria passou a dominar a cultura, dentre elas os ritmos musicais existentes. Com a ajuda do rádio, que foi um inovador meio de comunicação, propagaram-se as melodias e artistas que a cantavam. O racismo, juntamente com as dificuldades socioeconômicas na qual o povo negro foi deixado após o período da escravidão, não fez com que estes ritmos musicais famosos que conhecemos hoje fossem uma porta de entrada para os negros e sua cultura adentrassem na “nova sociedade”. É claro que

² Um grande número das músicas muito escutadas atualmente é o resultado de misturas e de inovações que ocorreram nas Américas setentrionais. Duas fontes foram especialmente fecundas: a primeira, profana, levou menestréis de rostos enegrecidos (*Blackface Minstrels*), a infinitas músicas de teatro de variedade, mas também aos blues, ao *country and western*, ao jazz, ao rock e a todos os seus derivados; a segunda, sagrada na sua primeira fase, começou com os *spirituals* para chegar, após muitos meandros, à *soul music*, ao reggae e ao rap. (MARTIN, 2010)

tudo está mudando nos últimos anos, mas ainda é sentido com grande força, o isolamento e preconceito racial do povo negro no mundo atual.

A musicalidade negra, atualmente, com a adesão política dos artistas, funciona como uma forma de resistência e ativismo cultural no âmbito musical. Em 1989, Janet Jackson lançou o álbum “Rhythm Nation 1814” no qual fez questão de tratar sobre conflitos sociais- algo diferente do que já havia feito até então. O álbum foi o mais vendido do ano de 1990 e foi indicado em cinco categorias ao Grammys, o prêmio mais importante da música. Em 1998, o álbum “*The Miseducation of Lauryn Hill*”, da rapper Lauryn Hill, teve a oportunidade de representar e contar sua história e a história do empoderamento feminino das afro-americanas. O álbum foi um sucesso mundial e ganhou 5 Grammys (incluindo o de Álbum do Ano). Em 2015, o rapper Kendrick Lamar lança o álbum “*To Pimp a Butterfly*” que conta com composições que denunciam a violência policial aos negros estadunidenses. O álbum recebeu 11 indicações ao Grammys e ganhou com o “Melhor Álbum de Rap”. Também em 2015, Elza Soares lança seu 32º álbum de estúdio “*A Mulher do Fim do Mundo*”, que denuncia problemas sociais que envolvem o movimento negro como a violência doméstica. O álbum foi um sucesso na crítica e ganhou o Grammy Latino de “Melhor Álbum de Música Popular Brasileira”³.

Apesar dos diversos conflitos sociais e econômicos que ainda persistem entre a comunidade negra mundial, é ainda através da música e da arte na qual se encontra e visualiza uma resistência representativa, sendo os artistas negros aqueles que se apresentam como representantes artísticos e políticos de uma minoria ainda sem voz. Essa atitude dá corpo a uma quebra de paradigma que se repete há mais de um século, que é o da opressão e o da deslegitimação de valores, saberes, estéticas, sexualidades e causas.

2- A importante presença dos olímpianos na cultura pop

Retornamos a Morin (2002) para entender como a cultura de massa forma um sistema de cultura, constituindo-se como um conjunto de símbolos, valores, mitos e imagens que dizem respeito quer à vida prática quer ao imaginário coletivo. O autor define, então, o conceito de Olímpianos como sendo uma criação midiática de personagens, posturas, pessoas que encantam e fidelizam o espectador diante de uma cultura de massas e de mídia. Estes olímpianos são pensados para gerar lucro, mas na concepção desse trabalho, também gera defesa de causas, questões políticas, atitudes de aprovação, consentimento nas representatividades que alcançam (MORIN, 2002).

Reconhecemos que é inegável que a cultura pop sempre precisou de seus grandes ídolos, ou olímpianos, para se fortalecer diante da sociedade. É através dos “semideuses” difundidos pela

³ Disponível em: <https://www.grammy.com/grammys/awards>

cultura de massa que a indústria capitalista também age como condutor de sonhos, comportamentos, estilo de vida e beleza. A ascensão destes grandes personagens da mídia é de extrema importância para se estabelecer um controle social. Não é tão difícil compreender o motivo da ascensão de artistas que fazem parte da minoria socioeconômica: apesar de sofrerem intensa repressão, o capitalismo não sobrevive sem eles, então, para ser democrático, todos precisam de ter o seu espaço.

Contudo, com a constante mudança da sociedade através das novas tecnologias, novos personagens também são construídos, e um novo modo de enxergar o espaço globo também é adquirido. Com isso, diferentes personagens de uma sociedade complexa são cada vez mais integrados ao sistema. Por um lado, vemos um mercado que só se preocupa com o lucro, criando falsos meios de resistência e dissolvendo a importância de uma representação política cultural e anti-hegemônica e, por outro, vemos pessoas que se sentem representadas pelos seus “iguais” quando chegam a um certo nível de poder, mesmo sabendo que é muito provável que nunca terão a mesma oportunidade de alcançar aquele ser, mas ainda assim, se identificam, pois o lugar que este ocupa trás relevância a sua vivência.

Edgar Morin (2002) acredita que a promoção dos valores femininos através da cultura de massa também é uma forma de dominação sobre essa parte da sociedade que ainda não concentra um poder socioeconômico significativo não fique de fora do sistema que “acolhe a tudo e a todos”. O autor menciona que no seio da cultura de massa, os temas “viris” (agressão, aventura, homicídio) são projetivos. Os temas “femininos” (amor, lar, conforto) são identificativos (MORIN, 2002). É claro que estes conceitos têm se modificado, hoje a mulher consegue falar abertamente e artisticamente sobre empoderamento, traição, solidão e independência, isto se dá pela modificação da estrutura da sociedade através do tempo e, com isso, a renovação do mercado.

2.1- Os ‘semideuses’ negros e a sua importância na história

Desde os Panteras Negras⁴, criados em 1966, até o movimento #VidasNegrasImportam (traduzido do inglês, #BlackLivesMatter), em 2013, a adesão do povo negro às críticas ao regime racista e autoritário fez com que surgissem vozes representativas na grande mídia. Nomes como Martin Luther King Jr. e Malcolm X, líderes que buscavam, através da política, direitos para a população negra dos Estados Unidos e que até hoje ainda são vistos como grandes personagens inesquecíveis de uma época turbulenta. O 44º presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, também se torna um desses personagens após entrar para a história como o primeiro presidente afro-americano do país, que ocupa o primeiro lugar como superpotência mundial e tem uma das histórias mais conturbadas em vista do racismo. A eleição foi histórica, tendo sido eleito como o

⁴ Artigo disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2015000100359

presidente mais votado do país na eleição contra seu concorrente John McCain, com mais de 69 milhões de votos. Obama ficou por oito anos no poder, tendo um mandato bem avaliado.

Artistas negros também têm seu espaço como os semideuses que fazem história: além dos músicos já citados que se uniram à causa da luta racial através da arte e foram reconhecidos justamente por fazê-lo. Outros artistas entram para a história por serem contra o sistema excludente, ganham o seu devido espaço. Em 2002, a renomada atriz Halle Berry se torna a primeira mulher negra a ganhar o prêmio de “Melhor Atriz” pelo seu papel no filme “A Última Ceia” daquele ano na cerimônia do Oscars⁵. O discurso da atriz, que não esperava o prêmio, foi considerado emocionante pelo público. A atriz dedicou o prêmio às “mulheres e de cor anônimas e sem rosto que agora têm uma chance porque esta porta foi aberta nesta noite” e ao diretor negro Sidney Poitier. Porém, ainda há uma certa resistência da Academia que compõe os maiores prêmios culturais do mundo: Emmy, Grammy, Oscar e Tony Award.

Ao se tratar de música, é importante lembrar os casos dos artistas Beyoncé, JAY-Z e Kendrick Lamar que ocorreram recentemente nas cerimônias dos Grammys. Em 2015 e 2017, a cantora Beyoncé foi indicada nas categorias mais importantes do evento, dentre elas o “Álbum do Ano”- o mais aguardado da noite. Os seus álbuns indicados “BEYONCÉ” e “Lemonade” foram ambos sucessos em vendas e críticas, tiveram uma boa recepção do público, trataram de temas importantes e, de certa forma, foram inovadores na indústria: ambos foram álbuns visuais e exploraram ritmos diferentes em seu momento de lançamento. Beyoncé perdeu as duas vezes para dois artistas brancos: Beck e Adele.

As expectativas para que a cantora fosse premiada em 2017 eram muitas, tanto que sua perda gerou revolta na internet, na qual a Academia se obrigou a revisar o episódio e em 2018 foi o ano onde os artistas negros tiveram o maior espaço na premiação, rendendo a JAY-Z oito indicações, Kendrick com sete e Bruno Mars com seis. Neste dia, o rapper JAY-Z com o seu recente álbum 4:44, perdeu em todas as categorias que concorria, inclusive o de “Álbum do Ano”. O rapper também citou pautas socialmente relevantes em seu álbum e obteve um sucesso característico, mas ainda assim não levou “sorte”. Outro grande alvo de mobilização por reconhecimento do trabalho de artistas negros foi o rapper Kendrick Lamar, ao lançar o álbum “DAMN”, que também trouxe a tona pautas sociais de vivência negra, com um sucesso garantido nas paradas americanas e esnobado pela premiação, que entregou o maior prêmio da noite para a cantora pop Taylor Swift, em 2016, mesmo o rapper ter feito história ao obter o maior número de indicações em uma noite para um cantor do gênero musical.

Apesar dos conflitos sociais que ainda resistem em torno das personalidades negras que fazem história, é visível que ainda há um certo poder destes na mídia de massas. Isto porque a

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=llgL7mGYVTI>

mudança social acarreta uma transformação dessa mídia, que necessita incluir novos personagens para que se movimente a indústria. E, é claro, gere lucro.

Douglas Kellner (2001) defende a tese de que as pautas de resistência e luta têm obtido visões positivas pela mídia. O autor acredita que é necessário um estudo crítico e multicultural e multiperspectívico para que a dominação ainda se mantenha sob controle e, que ao mesmo tempo, conteste e crie novos caminhos de um contra-conservadorismo na sociedade.

Uma perspectiva crítica vê a cultura como algo inerentemente político e, em alguns casos, como algo que fomenta determinadas posições políticas e funciona como força auxiliar de dominação ou resistência. Tal perspectiva vê a cultura e a sociedade existentes como um terreno de disputas e opta por aliar-se às formas de resistência e contra-hegemonia em oposição às forças de dominação. Baseando sua política nas lutas e nas forças sociais existentes, põe a teoria social e os estudos culturais a serviço da crítica sociocultural e da transformação política. (KELLNER, 2001, pg 125)

3- A representação da cantora norte-americana Beyoncé na cultura e arte negra

Beyoncé Giselle Knowles-Carter é cantora, compositora, performer, atriz, empresária e modelo. Nascida em Houston, Texas, no dia 04 de setembro de 1981, hoje alcança um patamar de destaque mundial através do seu trabalho e feitos na cultura pop. O impacto causado por ela no cenário mundial é inegável: Beyoncé conquistou um espaço só seu em um dos ramos mais racistas e sexistas existentes no mercado. Além disso, sendo mulher e negra, sua representatividade para pessoas de sua classe ao redor do mundo é de extrema importância para as minorias da qual faz parte. Segundo a renomada revista ‘Time’ (2014), Knowles é a cantora mais influente do mundo e está na categoria de “titãs”.

Desde o início de sua carreira, Beyoncé já tratava do feminismo negro em suas letras, como por exemplo, no grupo “Destiny’s Child” (1997-2006), do qual fazia parte, as músicas “Independent Woman”, “Girl” e “Survivor” são compostas por letras que tratam deste tema. Já em carreira solo, “Diva”, “Freakum Dress”, “If I Were A Boy”, “Run The World (Girls)” e “World Wide Woman” são bons exemplos do que a cantora comunica ao seu público. Entretanto, a partir de 2013, com a performance no “47º Super Bowl” e o álbum intitulado com seu nome, a militância da artista foi ficando mais intensa, os discursos de empoderamento feminino e, principalmente, o verso de Chimamanda Ngozi Adichie na música “***Flawless” foram ganhando o interesse midiático que a mesma queria obter. Segundo o Google Trends, a busca pelo termo “feminismo” (traduzido do inglês, “feminism”) dobrou entre o início de 2013 e o final de 2014, devido ao *buzz* que Beyoncé resgatou com a utilização da palavra.

Apesar de não ser aberta em relação à mídia, por exemplo, não ceder muitas entrevistas ou falar sobre sua vida pessoal há anos, a artista utiliza a arte como um meio de expor suas opiniões,

ideais políticos e promover debates acerca de temas sociais. Abaixo, seguem análises de alguns dos trabalhos entregues por Beyoncé que se tornaram pautas relevantes a serem discutidas:

- a) ******Flawless* (2013)**: O álbum surpresa auto-intitulado “BEYONCÉ” chegou nas plataformas digitais na madrugada de 13 de dezembro. Mesmo lançado no fim do ano, o disco ainda foi o mais vendido do ano por uma artista feminina, alcançando a marca de 1,3 milhões de cópias em apenas três semanas. O álbum foi um marco na indústria, o que levou vários artistas que adotaram a madrugada de sexta-feira como data de lançamento para seus trabalhos pelo grande desempenho que o álbum ocupou nos charts. Um dos destaques deste trabalho sem dúvidas é a música ******Flawless***, combinando uma letra de empoderamento feminino com o famoso discurso da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, que diz: “Ensinamos as meninas a se encolherem/ Para se tornarem ainda menores/ Nós dizemos para as meninas/ 'Você pode ter ambição/ Mas não muita/ Você deve almejar ser bem sucedida/ Mas não muito bem sucedida/ Caso contrário, você vai ameaçar o homem'/ Porque sou do sexo feminino/ Esperam que eu almeje o casamento/ Esperam que eu faça as escolhas da minha vida/ Sempre tendo em mente que/ O casamento é o mais importante/ Agora o casamento pode ser uma fonte de/ Alegria, amor e apoio mútuo/ Mas por que ensinamos as meninas a ansiar ao casamento/ E não ensinamos a mesma coisa para os meninos?/ Nós criamos as meninas para serem concorrentes/ Não para empregos ou para conquistas/ O que eu acho que poderia ser uma coisa boa/ Mas, para a atenção dos homens/ Nós ensinamos as meninas que não podem ser seres sexuais/ Da mesma forma que os meninos são/ Feminista- a pessoa que acredita na social/ Igualdade política e econômica entre os sexos”⁶. O discurso levantou discussões a respeito do feminismo negro e fez com que muitas mulheres se identificassem com a letra. O termo “feminismo” foi novamente colocado em alta no pop, após Beyoncé reaparecer com a palavra em sua música.
- b) ***Formation* (2016)**: Na véspera da sua segunda apresentação no Show de Intervalo (traduzido do inglês, “Halftime Show”) do 50º Super Bowl, dessa vez como convidada da banda Coldplay, Beyoncé lançou- mais uma vez de surpresa- a música e o videoclipe de *Formation*. A letra é fortemente carregada de uma denúncia contra o racismo já sofrido por Beyoncé e sua família, e um discurso de empoderamento e orgulho negro, na qual diz: “Eu gosto do cabelo do meu bebê, com cabelo de bebê e afros/ Eu gosto do meu nariz negro

⁶ “We teach girls to shrink themselves/ To make themselves smaller/ We say to girls/"You can have ambition/ But not too much/ You should aim to be successful/ But not too successful/ Otherwise you will threaten the man"/ Because I am female/ I am expected to aspire to marriage/ I am expected to make my life choices/ Always keeping in mind that/ Marriage is the most important/ Now marriage can be a source of/ Joy and love/ and mutual support/ But why do we teach girls to aspire to marriage/ And we don't teach boys the same?/ We raise girls to see each other as competitors/ Not for jobs or for accomplishments/ Which I think can be a good thing/ But for the attention of men/ We teach girls that they cannot be sexual beings/ In the way that boys are/ Feminist: the person who believes in the social/ Political, and economic equality of the sexes” tradução do autor.

como as narinas dos Jackson Five”⁷. Além disso, o clipe faz diversas referências a violência da polícia contra jovens negros nos Estados Unidos, contando como elemento destaque, policiais mirando armas em uma criança negra de braços abertos em frente a um muro onde está escrito “Pare de atirar em nós”. Beyoncé também usa um sample do ativista negro Messy Mya, morto brutalmente a tiros em New Orleans, Messy também denunciava a violência policial contra a população negra em vídeos no qual ele fazia.

- c) ***Freedom (2016)***: A canção, em parceria com o rapper Kendrick Lamar seria o tema do sexto álbum de estúdio de Beyoncé, que foi mudado de última hora para Lemonade. Com letra e melodia fortes, “Freedom” faz uma alusão a época da escravidão aos dias hoje, nos quais os negros ainda clamam por liberdade, a música é um dos principais destaques do disco. Além da parte visual oficial da música que faz referências ao filme vencedor do Oscars em 2014, “12 anos de escravidão”- que conta com artistas negros, entre eles a atriz e modelo Zendaya, e a modelo Winnie Harlow. Em outubro de 2017, a artista também lançou um vídeo alternativo com a participação de meninas de diversas partes do mundo no Dia Internacional da Menina, onde faz denúncias como feminicídio, casamento infantil, tráfico humano, mutilação genital feminina, baixa escolaridade feminina e a alta taxa de infecção por HIV contraída por mulheres.
- d) ***APESH*T (2018)***: O lançamento do álbum conjunto com seu marido e rapper JAY-Z explorou uma nova técnica vocal de Beyoncé: o seu engajamento no hip-hop/rap e o trap. A música que abre o álbum “Everything Is Love” (2018) traz um casal negro empoderado, e mostra que os negros também podem reivindicar o seu espaço. O clipe que exala poder, foi gravado inteiramente no Museu do Louvre, em Paris, e coloca os artistas em contato com diversas obras de artes conhecidas, inclusive a Mona Lisa, de Leonardo Da Vinci, um quadro que, normalmente, é difícil de se obter um contato tão íntimo no qual Beyoncé e Jay-Z tiveram no clipe.

De nenhuma forma a ostentação apresentada no videoclipe se dissocia das problemáticas raciais que a comunidade negra enfrenta, haja vista que o casal mais rico da indústria fonográfica é formado por duas pessoas negras, é evidente que se entenda como uma conquista inalcançável para a maioria da população negra do mundo. Porém, ao se colocarem no videoclipe como sendo o foco e a cultura eurocêntrica em segundo e até terceiro plano, os Carter tomam de volta o que foi levado de seu povo, e reafirmam que não só pertencem ao polo produtor de cultura como são os grandes protagonistas (GODOY e MARCELINO, 2018)

- e) ***HEARD ABOUT US (2018)***: Nesta música, mais uma vez o casal explora o poder conquistado por eles e sua representatividade na música. Os versos: “Nem precisa se você

⁷ “I like my baby hair, with baby hair and afros/ I like my negro nose with Jackson Five nostrils” tradução do autor.

ouviu falar de nós/ Já sabemos que vocês nos conhecem” e “Você conhece a B, ela não precisa nem do nome completo”⁸ exploram esse lado do casal mais poderoso da indústria musical e que já alcançaram um nível onde ninguém os imaginaria ver chegar. A música também traz, de forma subentendida, o conceito de “olimpianos” que gira em torno dos artistas.

- f) ***BLACK EFFECT (2018)***: O título da música por si só mostra o significado da música. O “efeito negro” que Beyoncé e JAY-Z trabalham na música faz diversas referências a história de opressão e ícones mundiais como Martin Luther King e Malcolm X. Beyoncé faz duas referências históricas em seus versos na música: uma ao citar os “quadris de Sarah Baartman”⁹, uma sul-africana do grupo étnico khoi san. Nesta tribo, as mulheres eram conhecidas pelo volume de suas nádegas. Sarah foi levada para o Reino Unido pelo irmão para se apresentar num show de aberrações completamente nua, onde virou motivo de chacota pelo seu corpo e desenhos caricatos exagerados que a deformavam. A outra referência é apresentada no verso “Eu nunca vou deixar que vocês derrubem o nariz do meu faraó”, fazendo alusão a uma lenda na qual povos brancos derrubaram o nariz da esfinge de Gizé, no Egito, para que não houvesse tamanha demonstração de poder dos povos africanos, seja em ouro, arquitetura, terras, etc.. A capa do álbum também faz uma referência ao poder negro: é uma fotografia de uma mulher penteando os cabelos afros de um homem, utilizando o pente-garfo (ideal para cabelos crespos), em frente ao quadro da Monalisa, no Museu do Louvre.
- g) ***Lemonade: álbum visual (2016)***: A parte visual do sexto álbum de estúdio da cantora é carregado de referências de empoderamento feminino e questões pautadas sobre sentimentos característicos da mulher negra na sociedade, como a solidão, por exemplo. As cores, os cenários e as vestimentas usadas por Beyoncé retratam a história da mulher negra na América e se transformam em uma identificação entre a olimpiana e seu público-alvo. O álbum-filme é dividido em 11 partes que se montam em um ciclo vivenciado pela artista: Intuição, Negação, Ira, Apatia, Vazio, Prestação de Contas, Reforma, Perdão, Ressurreição, Esperança e Redenção. É a identificação de Beyoncé como mulher negra na América e trata a vivência da artista como uma cidadã comum que também viveu ou viverá esta história.

Outro aspecto fundamental para o sucesso do álbum visual se dá pelo fato de que ele é um grande manifesto político da cantora ao se “descobrir” mulher e negra, inserida em uma sociedade cuja indústria é comandada por uma hegemonia branca e machista. Beyoncé trouxe inúmeros elementos sonoros característicos da negritude, enquanto que no aspecto visual explora com amplitude o feminismo através de planos,

⁸ Versos da música traduzidos pelo autor: “No need to ask, you heard about us/ Already know you know about us” e “Bitch know B, she don't even need a whole name”

⁹ “Stunt with your curls, your lips, Sarah Baartman hips” traduzido pelo autor.

enquadramentos, fusões, elementos, personagens, atrizes, cores e referências históricas às mulheres negras e a sua importância no cenário político contemporâneo. A força narrativa do álbum reside justamente na complexa rede que se constrói através de símbolos e signos visuais e sonoros, cujos sentidos políticos, sociais, culturais e pessoais explodem em sinergia incandescente. Portanto, narrativamente e tematicamente, *Lemonade* é um grito rasgado, que se fragmenta em múltiplas direções, desvelando desde o (possível) relacionamento conturbado de Beyoncé com o marido, até elementos que nos remetem à (possível) família da cantora e o impacto da mesma sobre a sua carreira. Além disso, *Lemonade* explora temáticas políticas sobre a negritude americana em geral, a liberdade feminina na atualidade e o empoderamento das mulheres no seio da sociedade hegemonicamente machista em que vivemos. (VECCHIA, 2017)

- h) 50º Super Bowl:** No dia 7 de fevereiro de 2016, Beyoncé se apresentava pela segunda vez no Show de Intervalo do Super Bowl, dessa vez como convidada da banda Coldplay, que foi a atração principal do evento. No dia anterior, Beyoncé havia lançado a música “Formation”: uma canção de exaltação do orgulho negro e denúncias de preconceitos raciais. A música foi lançada de surpresa e grátis na plataforma TIDAL. No dia de sua apresentação, Beyoncé iria fazer história ao levar essa denúncia trazida em sua nova música aos palcos do Super Bowl, ela não só chegou a performar a música, como ela e suas dançarinas se vestiram com uniformes de militantes do Partido dos Panteras Negras: famoso grupo de luta racial negra nos Estados Unidos. O evento se tornou palco desta discussão levada por Beyoncé e fez com que cidadãos norte-americanos organizassem protestos contra a artista e sua apresentação no evento. E, mais uma vez, Beyoncé elevou seu patamar de artista, ao apresentar um tema tão polêmico no maior festival esportivo do país.

A performance de Beyoncé se utiliza de uma outra chave para a conquista de espaço para a negritude. O significante “negro” é ali colocado não de uma maneira exótica, mas como um sujeito empoderado que reivindica um lugar para si através do confronto. Um embate que se dá não apenas mediado por uma letra de valorização dos traços da negritude ou por uma dança carregada de referências militares, mas também pelo próprio fato dessa apresentação acontecer no Super Bowl (um espaço hegemônico de poder que tem uma visibilidade grandiosa, atingindo assim boa parte da população dos EUA) e falar sobre racismo, um assunto espinhoso para um país que carrega até hoje as marcas de sua história de segregação racial e de um sistema escravocrata que só foi abolido legalmente em 1865 (MATEUS, 2016)

A repercussão foi bastante para que o programa americano “Saturday Night Live” fizesse uma sátira de como os americanos descobriram que Beyoncé era negra após sua performance e como isso chocou a sociedade que antes a tinha como produto midiático “branco”.

- i) ***Coachella (2018)***: Após ter engravidado e não poder se apresentar no evento em 2017 (na qual foi substituída por Lady Gaga), a produção do Coachella optou por deixar Beyoncé como artista principal dos dias 14 e 21 de abril do festival, em 2018. Nestes dois dias, Beyoncé fez história sendo a primeira mulher negra *headliner* do festival e levou uma performance impecável aos palcos, trazendo elementos da história e cultura negra norte-americana no palco. Foi um show de elementos musicais levados pelas bandas de marchas de universidades negras dos Estados Unidos, e fazendo com que mais uma vez a pauta se tornasse discussão a nível mundial. A mídia deu a Beyoncé um patamar superior a outros artistas, rendendo aclamações tão positivas que a colocaram em uma posição superior a Michael Jackson em relevância cultural.
- j) ***The Lion King: The Gift (2019)***: Após dar voz ao personagem Nala do clássico filme da Disney “O Rei Leão”, com temática e cenários presentes no continente africano, Beyoncé se permitiu explorar seu lado produtor e lançou um álbum de ritmos musicais do estilo afro, celebrando como um “presente” para o filme. O álbum reúne artistas negros, interludes contendo falas do filme e combina elementos musicais e letras que contam e exaltam a história dos povos africanos e afro-americano. Em suma, o álbum é uma carta de amor ao continente, dando voz aos cantores envolvidos no álbum de expressar sua gratidão em relação aos seus antepassados.

4- Considerações finais

Em uma cultura de massa tão conectada com o meio social e, ao mesmo tempo, tão mantenedora de um sistema econômico privilegiado e racista, que manipula imagens criando modelos de comportamento, vale ressaltar o quão importante é, não só para o valor de mercado, mas para diferentes grupos sociais, se verem representados por pessoas que compartilham a mesma vivência que a sua e que podem ser influenciadoras neste meio. Por mais que o mercado cresça a um modo que dê oportunidades cada vez mais restritas, ainda assim, a ascensão de pessoas que fazem parte de um grupo social vulnerável é vista de forma inspiradora.

Não se pode negar o poder que Beyoncé adquiriu mundialmente ao tratar, em sua arte, de questões que envolvam sua negritude e que se identificam com seu público-alvo: mulheres negras. A ascensão da cantora ao “trono” que hoje ocupa como uma das maiores artistas de todos os tempos e, muito provável, como a maior da atualidade, impacta culturalmente e artisticamente no movimento negro. Ter Beyoncé como referência em nível mundial causa tamanho empoderamento que, talvez, apenas quem é negro(a) consegue entender.

Ao chegar em um nível onde não precisa depender de ninguém além de si mesma para se gerenciar na indústria, Beyoncé se posiciona ativamente para defender os seus, como fez quando

divulgou, em julho de 2016, uma carta aberta cobrando do poder legislativo americano, uma posição em relação aos tiroteios que resultaram em mortes brutais de pessoas negras no país. O caso ganhou repercussão mundial. A carta divulgou o contato dos representantes dos estados de Louisiana, Alton Sterling, e Minnesota, Philando Castile, para que fossem tomadas as devidas providências. Ela também se encarregou de doar fundos a microempreendedores negros nos Estados Unidos durante a pandemia. A representatividade na mídia, por mais que o mercado esteja encarregado de capitalizá-la, tem a sua importância. Ter uma porta voz do movimento negro tão poderosa quanto a artista é fundamental para que as vozes das classes oprimidas também sejam ouvidas.

5- Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor, HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 1985.

AWARDS. *In*: GRAMMYS AWARDS, Recording Academy. **Recording Academy**. 6 maio 2020. Disponível em: <<https://www.grammy.com/grammys/awards>> Acesso em: 6 maio 2020.

CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-192, dez. 1995.

Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2005/1144>> Acesso em: 30 out. 2020

CHAVES, Wanderson da Silva. O Partido dos Panteras Negras. **Topoi (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 30, p. 359-364, junho de 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2015000100359&lng=en&nr=m=iso> Acesso em: 06 maio 2020

FINCO, Marina Dami. **As vantagens da apropriação da causa negra pela indústria cultural: Um estudo em torno do crescimento da abordagem do racismo na produção musical**. Orientador: Professor Doutor Vinícius Romanini. 2019. 42 p. Trabalho de conclusão de curso (Pós-graduação em Mídia, Informação e Cultura) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <http://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/marina_dami_finco.pdf> Acesso em: 1 maio 2020

GODOY, João Victor. MARCELINO, Rosilene Moraes Alves. APESH*T: Os Deuses Contemporâneos Carter e seu Império Cultural Inacessível. In: **XLI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação em Joinville, 2018, Joinville, Santa Catarina. Anais do XLI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação em Joinville**. São Paulo: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2018. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1911-1.pdf>> Acesso em: 05 maio 2020

HALLE Berry wins Best Actress: 2002 Oscars. [S. l.]: Oscars, 2002. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=llgL7mGYVTI>> Acesso em: 6 maio 2020.

JÚNIOR, Jeder Janotti. Cultura pop: entre o popular e a distinção. In: SÁ, Simone Pereira de; CARREIRO, Rodrigo; FERRARAZ, Rogério. **Cultura Pop**. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 45-56. ISBN 978-85-232-1353-4. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/Cultura_pop_repositorio.pdf#page=46> Acesso em: 28 abr. 2020

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia: Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001. 456 p. ISBN 0-415-10570-6.

MARTIN, Denis-Constant. Uma herança musical da escravidão. **Tempo**, Niterói, v. 15, n. 29, p. 15-41, dezembro de 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042010000200002&lng=en&nr=m=iso> Acesso em: 06 maio 2020

MATEUS, Suzana Maria de Souza. Okay, ladies, now let's get in formation: o dia em que Beyoncé pautou questões raciais no Super Bowl 50. In: **XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2016, Caruaru, Pernambuco. Anais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**. São Paulo: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2016. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-1469-1.pdf>> Acesso em 05 maio 2020

MENDONÇA, Maria Luiza. Comunicação e Cultura: um novo olhar. *Novos Olhares*, n.1,

p. 30-38, 30 jun, 1998. Disponível em:
<<https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/51307/55374>>
Acesso em: 01 maio 2020

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX: O Espírito do Tempo 1- Neurose**. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. 204 p.

SALZSTEIN, Sônia. Cultura Pop: Astúcia e Inocência. Novos estudos - CEBRAP, São Paulo, n. 76, p. 251-262, novembro de 2006. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/nec/n76/14.pdf>> Acesso em: 28 abril 2020

TIME, Magazine. The 100 Most Influential People. Disponível em:
<<http://time.com/collection/2014-time-100/>> Acesso em: 15 de nov. 2018

VECCHIA, Leonam Casagrande Dalla. Expandindo as Fronteiras do Álbum Visual: O Caso Lemonade de Beyoncé Knowles. In: **XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2017, Volta Redonda, Rio de Janeiro, Anais do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. São Paulo: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017. Disponível em:
<<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2017/resumos/R58-0632-1.pdf>> Acesso em: 5 maio 2020